



BRASIL

Índio quer medalha

Com provas típicas como corrida de tora, arco e flecha e canoagem, a primeira olimpíada indígena reúne 400 representantes de 25 nações do Brasil

ELIANE TRINDADE, DE GOIÂNIA (GO)

Enquanto o Rio de Janeiro entra na briga para sediar as Olimpíadas de 2004, Goiânia abrigou uma versão literalmente tupiniquim do maior evento esportivo do planeta. Entre a quarta-feira 16 e o domingo 20, os Jogos dos Povos Indígenas transformaram a capital goiana em uma megaaldeia olímpica. Pela primeira vez, 400 representantes de 25 nações indígenas do País reuniram-se para um autêntico programa de branco. Ao longo dos quatro dias, caciques, pajés, guerreiros e iracemas disputaram nove modalidades esportivas. Com remotas possibilidades de quebra de recordes na natação ou no atletismo, os atletas indígenas mostraram que são imbatíveis na corrida da tora – um misto de revezamento com prova de obstáculo, onde o desafio é levar

nos ombros um tronco de 100 quilos – e no tiro ao alvo, com o uso de arco e flecha. Na canoagem, os barcos de fibra cederam lugar a canoas escavadas em troncos de cedro. “O que eles não têm em técnica, superam em garra e originalidade”, avaliou a nadadora Paula Aguiar, 21 anos, recordista sul-americana nos 50 metros livres, convidada pelo Ministério dos Esportes para acompanhar o desempenho dos atletas pele-vermelha.

Os jogos indígenas seguiram todos os rituais de uma competição esportiva entre nações. A começar pelo interminável desfile das delegações na abertura do evento. Na presença do ministro dos Esportes, Pelé, patrocinador oficial do evento, e do ministro da Justiça, Nelson Jobim, as 17 das 25 tribos que conseguiu

ram chegar a Goiânia a tempo do início da competição deram um show. Sob um sol escaldante, as danças, cantos e trajes dos Yawalapiti, uma das tribos do Xingu, levaram a pequena platéia cara pálida ao delírio. No final do desfile, ainda de tanga, cocar e com o corpo pintado, o jogador de futebol, corredor e canoísta Kará, índio do Xingu, dava autógrafos para um bando de “curumins” que estendiam as camisetas pelo alambrado. “Não sei por que eles querem meu nome escrito”, intrigava-se o “triatleta” Yawalapiti.

Com a bola toda depois de ter bancado a competição, destinando R\$ 480 mil do Ministério para o evento, Pelé teve seu dia de índio. Ganhou inúmeros presentes e posou para foto com penachos, ignorando a tradição de mau agouro. “Não

Os índios Yawalapiti na festa de abertura da olimpíada e o ministro Pelé: investimento de R\$ 480 mil



FOTOS: ANDRÉ DUSEK

poderia me esquecer dos povos indígenas. Entre vocês existem desportistas como em qualquer outro povo", discursou o ministro. A iniciativa, na verdade, vale mais pelo aspecto cultural que esportivo. "Nossa intenção não é mostrar quem é o melhor. Entre nós, o condicionamento físico é uma questão de sobrevivência", explica o coordenador-geral dos jogos, Marcos Terena, um índio Terena que cursou administração na Universidade Católica de Brasília.

Com uma limitação de inscrever no máximo 25 pessoas, as delegações abrigam verdadeiros poliatletas. Um exemplo extremo de versatilidade é o índio Nonoy, da aldeia Krikati. Depois de participar do revezamento 10 por 500 metros, com uma tora de buriti de 100 quilos nas costas, o franzino Krikati, com pouco mais de 1,60m de altura e menos de 60 quilos, fez uma das provas de natação – a travessia da lagoa do clube Jaó – e atuou como zagueiro do time de futebol e levantador da equipe de vôlei. "Não fico cansado, não", afirma o índio, 29 anos. Baixinhas e magras, Eliane e Rosalina, ambas de 15 anos, fizeram bonito na corrida da tora. Revezaram a tora de 80 quilos, limite da prova feminina, como se estivessem trocando uma sacola de ombro.

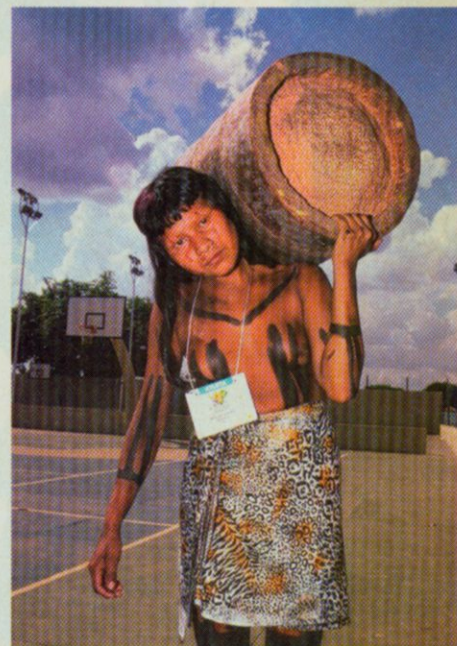
Fôlego não falta para índio. Os Kanela levaram três dias para chegar, de ônibus, da aldeia até Goiânia. No entanto, nem as oito mulheres do grupo, que encararam o desfile de abertura com os seios à mostra, davam sinais de cansaço. O time de futebol feminino dos Kaiwá, de Mato Grosso do Sul, treina há pelo menos um ano. Organizado para participar dos jogos indígenas estaduais, realizado em abril do ano passado, o time Geguaka Marangatu (Coração Sagrado) entra em campo sob a liderança da centroavante Norma Carvona. A jogadora da camisa 7, que na olimpíada joga com o uniforme do Guarani Esporte Club, não demonstra muito controle de bola nas embaixadas, mas garante ser goleadora. "Tenho o estilo da Neguinha da Seleção Brasileira", diz a atacante, que não perdeu um jogo das Olimpíadas de Atlanta. Com televisão na aldeia, localizada próxima à cidade de Ponta-Porã, as meninas Kaiwá torcem no campeonato brasileiro pelo Palmeiras de Luizão. "Ele é muito bom", opina a zagueira Marlene, que não dispensa o cocar de penas nem para cabecear.

No melhor estilo povos da floresta, a preparação e a escolha dos atletas foram de fato originais. O "pré-olímpico" na tribo Kadiwéu para escolher o representante do grupo na prova mais nobre do atletismo, os 100 metros rasos, foi uma corrida no mato. O escolhido, Alexandre Francisco, fala de suas qualidades de velocista. "Eu corro atrás das emas e sempre chego primeiro e pego as bichas", conta. O judoca medalha de ouro em Barcelona, Rogério Sampaio, viu de perto o potencial dos atletas indígenas, numa demonstração da luta huka-huka, espécie de sumô, que faz parte do ritual do Karup, cerimônia Xingu em homenagem aos mortos. O cacique Ajukaka, da tribo Kuiukuru, fez uma pequena exibição para o campeão olímpico. "Já vi judô na televisão, eles também agarram assim", comparou o lutador de huka-huka, fazendo uma chave de braço. Sampaio preferiu não encarar a luta, retirada de um ritual de celebração dos mortos. "Respeito a arte deles, mas não ousaria enfrentá-los nem de brincadeira", afirmou o judoca peso-leve, que por causa de uma contusão não foi à Atlanta.

■ **Kará: "Por que eles querem meu nome escrito?"**



A zagueira Marlene: cabeceio de cocar



Índia Kanela e a tora: fôlego de sopra

